

DE SCHLEIERMACHER A DERRIDA: A IRRACIONALIDADE DAS LÍNGUAS E A QUESTÃO DA LÍNGUA MATERNA¹

Maria Aparecida dos Santos

IEL – UNICAMP – Caixa Postal 6043 – Campinas – SP – Brasil

massantos@terra.com.br

Abstract. This study intends to examine the conception of mother tongue presents in the Friedrich Schleiermacher text, “Concerning different methods of translation”, made in 1813. From tension analysis between mother tongue / foreign language established when from discussion of possible translations methods, note it that: a) the discussion that establishes about the need of translation provides elements that allow to discuss the familiarity of mother tongue; b) the need relation and impossibility of translation made by Scheleiermacher for translation in foreign language can be established in mother tongue.

Keywords. translation, mother tongue, impossibility of translation.

Resumo. Este estudo pretende examinar a concepção de língua materna presente num texto de Friedrich Schleiermacher, “*Sobre os diferentes métodos de tradução*”, produzido em 1813. A partir da análise da tensão entre língua materna/língua estrangeira, estabelecida quando da discussão dos possíveis métodos de tradução, observa-se que: a) a discussão que estabelece sobre a necessidade da tradução fornece elementos que permitem questionar a familiaridade da língua materna; b) a relação de necessidade e de impossibilidade da tradução feita por Schleiermacher para as traduções em língua estrangeira pode ser estabelecida em língua materna.

Palavras-chaves: tradução, língua materna, impossibilidade da tradução.

1. Apresentação

Este estudo pretende examinar a concepção de língua materna presente num texto de Friedrich Schleiermacher, “*Sobre os diferentes métodos de tradução*”². A partir da análise da tensão entre língua materna/língua estrangeira, estabelecida quando da discussão dos possíveis métodos de tradução, pretende-se observar se a discussão que estabelece sobre a necessidade da tradução fornece elementos que permitem questionar a familiaridade da língua materna; assim como observar se a relação de necessidade e de impossibilidade da tradução feita por Schleiermacher para as traduções em língua estrangeira pode ser estabelecida em língua materna.

A hipótese é a de que as tensões estabelecidas no texto, em relação à língua materna-língua estrangeira e tradutor-intérprete, ratificam a não garantia de transposição de conteúdos dentro da própria língua e entre línguas. Para a análise, serão observadas duas colocações do autor. Na primeira, tem-se a afirmativa da “(...) *necessidade de traduzir também dentro da própria língua e dialeto (...)*.” (Schleiermacher, 1813:29). Em segundo lugar, têm-se as discussões feitas pelo autor que se relacionam a uma contaminação

¹ Este trabalho é uma qualificação de área, realizada sob a orientação do Professor Doutor Paulo Roberto Ottoni, para o curso de doutoramento em Linguística Aplicada oferecido pelo IEL/DLA da Unicamp.

² SCHLEIERMACHER, F. *Sobre os diferentes métodos de tradução*. In: HEIDERMAN, W. (org.). *Clássicos da teoria da tradução*. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001. 218 p. Antologia bilíngüe, alemão-português. V. 1.

necessária e constitutiva das línguas, realizadas quando da observação do que seja uma tradução científica e uma tradução técnica. As duas colocações expõem a impossibilidade de estabelecimento de contornos definidos do que seja uma língua materna e do que seja uma língua estrangeira.

2. A necessidade da tradução

A necessidade de traduzir também dentro da própria língua é antecipada pelo autor, quando este discute a tradução, considerando os grupos étnicos e os desenvolvimentos da língua ou dialetos em diferentes séculos, as classes sociais, as personalidades e mentalidades diferentes de pessoa para pessoa, e mesmo “*os nossos próprios discursos devem ser traduzidos depois de um certo tempo, se quisermos que continuem sendo nossos.*” (*idem*, p. 27). Essa necessidade de traduzir também dentro da própria língua abre espaço para o estranho, constitutivo do que lhe é familiar, posto que “*só pede para ser traduzido o que se atribui inicialmente como intraduzível.*” (Derrida, 1996:4). A possibilidade desse intraduzível se liga à impossibilidade mesma da tradução. Essa tensão permanente entre o intraduzível e a tradução encena uma não possibilidade de delimitação entre o que é materno e o que é estrangeiro. O familiar e o estranho coabitando uma língua esvanecem a fronteira entre língua materna e língua estrangeira.

Deixando em suspenso a tradução intralingual, Schleiermacher começa a sua discussão sobre a tradução entre línguas – dada a necessidade da tradução, em se considerando que pessoas *separadas pelo diâmetro da terra podem entrar em contato*, e, ainda, que *as produções de uma língua morta podem ser incorporadas a uma outra* -, observando uma tensão entre tradutor e intérprete, num *continuum* em que a “[...] *diferença considerável que já se torna mais perceptível nas partes limítrofes, [...] salta aos olhos nas partes mais externas [..].*” (*ibidem*, p. 33). Para ele, existem dois campos distintos nesse tipo de tradução –

[...] *não bem determinados, como raras vezes se consegue, mas com limites difusos, porém, se olharmos para o ponto final, podemos distingui-los com suficiente nitidez: o intérprete exerce sua função no campo dos negócios; o verdadeiro tradutor no campo da ciência e da arte.* (*ibidem*, p. 29.).

A tensão tradutor-intérprete passa pela consideração do objeto e da forma como este se apresenta ao sujeito. Isso pode ser observado na interferência que o tradutor-intérprete possa causar no objeto. Numa negociação, garante-se a transposição na íntegra do objeto de uma língua para outra. Ou seja, “*(...) quanto menos o próprio autor saiu do original, quanto mais ele atuou simplesmente como órgão receptor do objeto e seguiu a ordem local e temporal, tanto mais dependerá de uma pura interpretação na transposição.*” (*Ibidem*, p. 31.).

Há a colocação da possibilidade de distinção dos dois campos, quando se a tenta fazer por meio da observação do objeto. Assim, está-se falando de tradução quando “*a capacidade própria de livre combinação do tradutor, por um lado; e o espírito da língua e com ela a forma de ver o mundo e o matiz do estado da alma, por outro, são tudo. O objeto não domina mais de forma alguma, mas é dominado pelos pensamentos e pelo espírito, muitas vezes ele só surge através da enunciação e ao mesmo tempo só existe com ela.*”(p. 33). Está-se falando de interpretação quando “[...] *geralmente se têm os objetos diante dos olhos, ao menos trabalha-se com objetos da maior exatidão possível.*”(p. 33.). Essa percepção do objeto feita com maior exatidão em se tratando do intérprete, e,

portanto, está declarada a possibilidade de transposição de sentidos de uma língua para outra, que é garantida: se o sujeito

[...] não criar indefinições ocultas com a intenção de enganar, ou falhar por falta de reflexão, ele é compreensível a cada um que conhece a língua e o assunto, e para cada caso só ocorrem diferenças insignificantes no uso da língua. (p. 33).

O estabelecimento da distinção entre os dois campos aponta para uma dicotomização entre sujeito e objeto. No livro “*O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino*”, organizado por Rosemary Arrojo (1992), há a apresentação da desconstrução derridiana dessa dicotomia. No desenvolvimento de todos os ensaios, a desconstrução de uma abrangente dicotomia, para não falar a primeira, parece estar presente: a oposição feita em bases logocêntricas entre sujeito e objeto. O exame da primeira oposição - a distinção feita entre sujeito e objeto - é possibilitada após a desconstrução do sujeito cartesiano, quando se observa que

[...]apesar de dividido entre o senso moral imposto pela sociedade e a força do inconsciente, o homem ocidental, forjado no culto ao racionalismo, ilude-se com sua suposta autonomia ‘consciente’ – que não passa de uma instância derivada de processos inconscientes – e crê poder separar-se do ‘real’, ou seja, crê poder olhar o ‘real’ e o outro com olhos neutros; crê, em suma poder ‘descobrir’ ‘verdades’ que não sejam construídas por ele mesmo, nem contaminadas pelo seu desejo. (p.15).

Essa observação impossibilita uma relação objetiva entre homem e realidade. Na tradição cultural, em que se crê na

[...] possibilidade de uma distinção intrínseca entre sujeito e objeto, a origem do significado é necessariamente localizada no significante (no texto, na ‘mensagem’, na palavra), nas intenções (conscientes) do emissor/autor, ou numa combinação ou alternância dessas duas possibilidades. (p.35).

O pressuposto é o de que “é fora do sujeito/leitor ou ‘receptor’ que se encontra a origem dos significados” (p.35). E é aqui que se encontra descrito o objeto de Schleiermacher. Um objeto que pode ser apreendido com exatidão pelo sujeito, visto que é este quem domina aquele. Ele o tem diante dos olhos, portanto lhe é exterior.

A colocação da tensão tradutor-intérprete num *continuum* não exclui a possibilidade de se poder estar nos pontos extremos do mesmo. Se está garantida a função do intérprete, tal qual discute, há possibilidade de haver conteúdos que mantêm intactos os seus sentidos quando da transposição de uma língua para outra.

No entanto, essa oposição, vista com suficiente nitidez nos pontos extremos desse *continuum*, não se sustenta quando se observa que, na tradução de escritos – função relacionada a tradutores – , “[...] puramente narrativos ou descritivos, que só transpõe o desenvolvimento já descrito de um fato para uma outra língua, pode ter muito da função do intérprete.”(ibidem, p. 31.). Por outro lado,

[...] é diferente, porém, nas negociações através das quais novas relações jurídicas são determinadas, mesmo que muitas vezes a forma seja parecida com aquelas. Quanto menos elas mesmas puderem ser consideradas especiais sob uma generalidade bem conhecida, tanto mais conhecimentos científicos e cuidado a redação exige, e tanto mais

conhecimentos científicos do assunto e da língua o tradutor precisará para o seu trabalho. (ibidem, p. 31).

Instala-se, aqui, uma tensão em que não há possibilidade de distinção sobre de que par opositivo se está tratando.

3. A irracionalidade das línguas

Schleiermacher assume a diferença entre os dois tipos de tradução, a que ele chama de interpretação e a que chama de tradução, e, ao mesmo tempo, admite uma delimitação não tão evidente³. Essa necessidade e impossibilidade de diferenciação dos dois campos expõem o autor ao sofrimento do *double bind*. Essa (im)possibilidade de estabelecer contornos definidos para o tradutor e para o intérprete desloca os pontos extremos, como marcos de uma certa pureza na distinção dos dois campos, para o lugar de uma abstração. Desse lugar seria possível pensar numa língua higienizada, condição para a oposição entre tradutor e intérprete.

O deslocamento desses pontos extremos para o lugar de uma abstração opera-se através do conceito “irracionalidade das línguas”: ponto da não-equivalência entre as línguas – “[...]nenhuma palavra corresponde exatamente a uma outra na outra língua. Nenhuma forma morfológica de uma reúne exatamente a mesma multiplicidade de relações que qualquer uma na outra.”(p. 35). Essa irracionalidade afeta tanto a interpretação, quanto a tradução, posto que passa por todos os elementos de duas línguas. Através dela, estabelece-se uma dupla relação com a linguagem:

a) “[...] cada pessoa é dominada pela língua que fala. Ela e todo seu pensamento são produto dela. Uma pessoa não poderia pensar com total certeza nada o que estivesse fora dos limites dessa língua...” (p. 36);

b) “[...] toda pessoa que pensa de uma maneira livre e intelectualmente independentemente também forma a língua à sua maneira [...]. É a força viva do indivíduo que dá novas formas à matéria formadora da língua...” (p.37).

Esse jogo de influência sujeito-língua marca o espaço de uma diferença –

“[...] Pode-se dizer que alguém merece ser reconhecido além do seu campo mais específico, só na medida em que influencia a língua. Necessariamente, todo discurso que pode ser reapresentado por mil órgãos sempre da mesma forma logo se perde; somente aquele que forma um novo momento na vida da língua pode e deve ficar por mais tempo. (p. 37).

Considerar a possibilidade de uma reprodução ou de uma reapresentação numa mesma língua é, também, por associação, a morte ou a estagnação da mesma. Marca-se aqui a necessidade de tradução numa mesma língua. Que se ligue isso à sua sobrevida. Isso corrobora para um considerar das dicotomias enquanto um lugar de abstração. O fechamento ou a consideração da completude e, portanto, a possibilidade de reprodução numa língua levaria inevitavelmente à sua estagnação ou morte. A exaustiva traduzibilidade conduziria a um apagamento da língua.

³ A respeito da dicotomização tradução técnica/ tradução científica, ver OTTONI, P. *A formação do tradutor científico e técnico: necessária e impossível*. Atas do Seminário de Tradução Técnica e Científica em Língua Portuguesa. Lisboa-Portugal: 1998.

4. A singularidade da língua materna

Considerar essa contaminação necessária e constitutiva das línguas⁴ é marcar a impossibilidade de se estabelecerem fronteiras precisas entre língua materna e língua estrangeira. A impossibilidade de uma higienização da língua e do idioma obriga e abriga, sem jamais fazê-lo sentir-se abrigado, o indivíduo. Estará condenado a estar sempre nesse ‘meio’, nesse ‘entre’ das duas fronteiras. Engajar-se numa tradução é ser hospedeiro e hóspede – “(...) *Ali eu estou, me encontro e reencontro interessado, num texto que me transborda de todos os lados, mesmo onde não sei nada, onde não poderia reapropriar-me dele em consciência.*” (Derrida, 1996: p. 4⁵) – Instaura-se um jogo de (ex)apropriação, em que a distinção entre língua-idioma, tradução-interpretação e técnico-científico é sempre diferida. Está-se sempre entre fronteiras, em *différance*⁶. Assim parece ser pensado o conceito de língua materna em Schleiermacher. Uma língua que não coincide com outra língua, nem consigo mesma⁷. Quanto à pureza da língua, diz Schleiermacher: [...] *todo bem apresenta-se amalgamado com o mal.* (p.59); [...] *Em ninguém, a língua fica montada apenas mecânica e externamente com mediante cintas...*”(p.67). Arruína-se a morada.

O conceito de língua materna, discutido por Schleiermacher, diz respeito à própria singularidade da língua. Uma singularidade que tem sua definição vinculada a termos como particularizar, especificar, distinguir, cujos atos só podem ser realizados a partir do estabelecimento de uma relação com um outro, ou seja, “(...) *todo bem apresenta-se amalgamado com o mal.* O mal, aqui, representa esse outro, intruso, que arruína a morada. Impossibilita o dizer Um.

A irracionalidade das línguas, discutida por Schleiermacher no texto “Sobre os diferentes métodos de tradução”, faz lembrar a discussão de Derrida em *Monolingüismo do Outro*. Neste texto, a singularidade de uma língua põe em cena o plural, desde a sua definição, posto que carrega, ao mesmo tempo, um e outro, singular e plural. Com essa colocação, antecipa-se a impossibilidade de se dizer Um. O singular é, portanto, paradoxalmente, a condição do uno e sua própria impossibilidade.

Em Schleiermacher, há uma tentativa de marcação das extremidades entre o um e o outro em que se os diferencia. E é justamente essa necessidade de comparação para se marcar os pólos que assinala o intervalo, que aponta para a contaminação do um pelo outro, para a impossibilidade de limites e fronteiras. A palavra singularidade encena um “sou eu antes de mim. Para sempre”. (Derrida, 2001:14).

É no intervalo de “não falamos nunca senão uma única língua; não falamos nunca uma única língua” (Idem, p. 19.), que está a singularidade discutida por Derrida. Uma singularidade que põe em suspensão *o lembrar-me. Lembrar-me, a mim como eu-mesmo.* Aqui está posta a impossibilidade mesma de dizer eu, visto que este é, ao mesmo tempo,

⁴ Cf. OTTONI, P. *Tradução e desconstrução: a contaminação constitutiva e necessária das línguas.* Pulsional Revista de Psicanálise. V. 157. São Paulo: Editora Escuta, 2002.

⁵ DERRIDA, J. *Fidelidade a mais de um. Merecer herdar onde a genealogia falta.* Tradução de Paulo Ottoni.

⁶ Cf. BEATO, Zelina. *A tradução anassêmica como manifestação da différance.* Pulsional Revista de Psicanálise. V. 157. São Paulo: Editora Escuta, 2002.

⁷ Cf: “(...) *Para que seus leitores entendam, eles precisam captar o espírito da língua própria do autor, precisam poder olhar a forma de pensar e sentir particular do autor; e, para obter ambos ele não consegue lhes oferecer nada além da própria língua dos leitores, que jamais coincide com aquela, e a si próprio...*” (p. 39).

um e outro. Essa relação imposta por essa abertura ao outro, marca, desde sempre, um eu ameaçado; um eu para sempre exilado, posto que as condições de familiaridade estão para sempre suspensas; sempre postas como promessas, como por vir: É este apelo por vir

[...] reúne antecipadamente a língua. Acolhe-a, recolhe-a, não na sua identidade, na sua unidade, nem mesmo na sua ipseidade, mas na unicidade ou na singularidade de uma reunião da sua diferença a si. Na diferença consigo mais do que na diferença de si consigo. Não é possível falar fora desta promessa que dá, mas prometendo dá-la, uma língua, a unicidade do idioma. (p. 100.).

A discussão do uno só é possível de ser realizada pela via de uma promessa, de um desejo de (ex)apropriação – *onde se finge apropriá-la para a impor como a sua*. A essência da língua encontra-se no lugar em que se interdita a apropriação. É aqui que se põe uma marca. É aqui que uno e unicidade se referem. O “não falamos nunca senão uma única língua”, ou então, “não falo senão uma língua, (e, mas, ou) ela não é minha” se põe em cena no corpo da escrita pela construção fantasmática de uma identidade em que o dizer-eu implica o reenvio a algures, ao outro.

Há, aí, um endereçamento ao outro que torna a promessa ameaçante e ameaçada: *a minha língua, a única que me ouço falar e me ouço a falar, é a língua do outro* (p.39). É nesse reenvio ao outro que *se obriga a vir diferentemente, diferentemente dito, a si em si*. (p.69). A singularidade de uma língua se apresenta, em Schleiermacher, nessa tensão entre necessidade e impossibilidade de delimitação de fronteiras para a marcação do uno. Isto porque, numa tradução, os tradutores,

[...]para que seus leitores entendam, eles precisam captar o espírito da língua própria do autor, precisam poder olhar a forma de pensar e sentir particular do autor; e, para obter ambos ele não consegue lhes oferecer nada além da própria língua dos leitores, que jamais coincide com aquela, e a si próprio...” (p. 39). É isto o que se liga ao *vir diferentemente, diferentemente dito, a si em si*.

5. Referências bibliográficas

- DERRIDA, JACQUES. Torres de Babel. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- DERRIDA, JACQUES & Geoffrey Bennington. Jacques Derrida. Tradução de Ana Maria Skinner. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1996.
- DERRIDA, JACQUES. Fidelidade a mais de um. Merecer herdar onde a genealogia falta. Tradução de Paulo Ottoni. 1996.
- _____. O monolingüismo do outro. Ou a prótese de origem. Porto-Portugal, Tradução de Fernando Berardo. Campo das Letras, 2001.
- OTTONI, P. Compreensão e interpretação no ato de traduzir: reflexões sobre o enunciado e a significação. In: Lusorama – Zeitschrift für Lusitanistik nº32, Berlim, p. 19-27.
- _____. A formação do tradutor científico e técnico: necessária e impossível. Atas do Seminário de Tradução Técnica e Científica em Língua Portuguesa. Lisboa-Portugal: 1998.
- _____. Tradução e desconstrução: a contaminação constitutiva e necessária das línguas. Pulsional Revista de Psicanálise. V. 157. São Paulo: Editora Escuta, 2002.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.